ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

DIRECTOR — CARLOS MALHEIRO DIAS

OS PEQUENOS ANNUNCIOS NA **Illustração Portugueza**

A Illustração Portugueza, no intuito de facilitar a propaganda nas suas paginas e pôr ao alcance de todas as bolsas a publicidade por meio de annuncios, communicados e correspondencias, inaugura n'um dos proximos numeros uma secção de **PEQUENOS ANNUNCIOS**, por meio dos quaes toda a gente póde facilmente corresponder-se.

Os **PEQUENOS ANNUNCIOS** da **Illustração Portugueza** comprehendem duas cathegorias:

1.º **PEQUENOS ANNUNCIOS PARTICULARES**, comprehendendo as offertas de serviços e procura de emprego ou trabalho (professores, lições, secretarias, modistas, creados, etc., etc., etc).

Correspondencia mundana e propostas de trocas de bilhetes postaes, sellos e informações sportivas, etc., etc.

2.º **PEQUENOS ANNUNCIOS COMMERCIAES**, comprehendendo d'uma maneira generica tudo o que se refere a negocio, que trate d'uma venda ou compra de qualquer producto, etc., etc.

Cada **PEQUENO ANNUNCIO** recebido será marcado na administração da **Illustração Portugueza** com um numero, e será publicado com esse numero; todas as pessoas que quizerem responder a qualquer **PEQUENO ANNUNCIO**, devem escrever a sua proposta ou resposta (com todas as indicações bem legiveis) mettel-as n'um enveloppe fechado apenas com o numero correspondente ao annuncio, e estampilhado com a franquia de 25 réis para Portugal e Hespanha e 50 réis para o estrangeiro, esse enveloppe deve ser mettido n'outro sobrescripto dirigido á administração da **Illustração Portugueza** secção dos **PEQUENOS ANNUNCIOS**, que se encarregará de a remetter ao interessado.

PREÇOS

Um espaço de 0m,05 de largo por 0m,02 d'alto

Correspondencia mundana, uma publicação....	**1$000 réis**	**4 publicações....**	**2$500 réis**
Annuncios commerciaes, uma publicação......	**800 réis**	**4 publicações....**	**2$000 réis**

NOTA — Todos os annuncios d'esta secção devem ser remettidos á administração da **Illustração Portugueza** até quarta feira de cada semana.

ENCYCLOPEDIA PRATICA

MILHÕES DE COISAS

Publicação redigida por um grupo de homens de lettras

Economia domestica, Agricultura, Medicina, Musica, Pintura, Esculptura, Viagens, Geographia, Chimica, Physica, Astronomia, Arithmetica, Lições de linguas, etc., etc.

Uma grande bibliotheca por pouco dinheiro

Estão já publicados o 1.º e 2.º volumes. O 1.º compõe-se de perto de 500 paginas contendo além do Francez, Anecdotas e Receitas, mais 379 artigos illustrados com 109 magnificas gravuras. O 2.º volume compõe-se de 345 artigos illustrados com 135 excellentes gravuras, além de numerosas receitas, anecdotas e Francez e Inglez sem mestre.

Cada volume encadernado optimamente em capa de percalina a preto e ouro custa apenas 750 RÉIS. Assigna-se tambem aos tomos de 80 paginas ao preço de 100 RÉIS. Attendem-se todos os pedidos desde que sejam acompanhados das respectivas importancias. Porte gratis. Para os volumes mais 50 réis para o registo.

NUNCA **se publicou em Portugal obra de tão grande utilidade e de tão assombrosa barateza**

Typographia Luzitana Editora — **Rua Ivens, 11 e 13 — Lisboa**

ANNEIS ELECTRICOS

Quereis ter saude e força?

Usae o ANNEL ELECTRICO.

Cura-o rheumatismo, impotencia, dores de cabeça e todas as doenças do systema nervoso.

Cada annel **200 réis**; com força dupla **300 réis**.

Pedidos a Francisco Simões, rua dos Fanqueiros, 236 e 238, Lisboa. Remette-se a quem enviar a importancia em estampilhas.

Union Maritime de Mannheim

Companhia de seguros postaes, maritimos e de transportes de qualquer natureza.

Directores em Lisboa: LIMA MAYER & C.ª

69, RUA DA PRATA, 1.º

Thiago Marques

Medico-cirurgião

Doenças da bocca e dos dentes

PROTHESE DENTARIA

Largo da rua do Principe, 8, frente á rua do Carmo

OPINIÕES DE UM ANDADOR DAS ALMAS

Costuma-se dizer que primeiro está a obrigação que a devoção; mas, para mim, o caso muda de figura: obrigação e devoção têm que andar sempre juntas, porque a minha obrigação é a devoção, e a minha devoção é essa mesma obrigação. Não sei bem se a Senhora Margarida me entende; mas eu cá me entendo, e basta.

Deixe-os lá falar! As coisas da egreja não vão tão feias como as pintam. Quem os não conhecer que os compre. Elles, os padres, é que a sabem toda: queixam-se, a fingir que lhes dóe, para mais rodeados se verem de affagos e choradeiras. Ha quarenta e dois annos que lido com elles, e parece-me que já tenho tido tempo de os conhecer. São todos muito boas pessoas, de muitas virtudes e o mais que quizerem, mas são homens como os mais homens, e só não puxam a braza para a sardinha d'elles quando não podem. Olhe, Senhora Margarida: o mesmo faço eu, e não me deve querer mal por isso.

A's vezes estou a ouvi-los queixarem-se e a dizer-lhes *amen*, que é o meu dever, mas a rir-me tanto cá por dentro que se numa d'essas occasiões me abrissem a barriga saiam-me de lá o baço e as mollejas ás gargalhadas.

De tudo se lastimam e em pouca coisa têm razão. Ninguem, com amor da verdade, poderá dizer que em Lisboa ha poucas egrejas. Não é isto assim? Vae a senhora por essa cidade fóra, e é o que mais se lhe depara deante dos olhos. E ainda bem que as ha, porque d'ellas vive muita gente, e todos nós temos direito á vida. Só aqui na Baixa, faça favor de ir contando: S. Julião, uma; Magdalena, duas; Conceição Velha e Conceição Nova, quatro; S. Nicolau, cinco; S. Domingos, seis... Se a gente vae p'lo Chiado acima—Sacramento, sete; Martires, oito; Loreto, nove; Encarnação, dez; S. Roque, onze... E com a Sé doze, e com a do Soccorro treze—todas ellas quasi pegadas umas com as outras, e mesmo no meio da cidade, na encruzilhada de ruas já tão estreitas para o movimento que ha hoje, que até uma pessoa anda sempre aos encontrões, para se livrar dos carros e dos herejes. Mas veja a senhora se alguem se atreve a mandar deitar alguma abaixo para alargar as passagens! Vae a terra a dos Anjos, dizem elles; mas já lá está outra em pé dez vezes melhor, para ficar em vez d'ella...

Lisboa sempre gostou muito de egrejas e das coisas de egreja, e quem lhe tire um lausperenesinho, uma procissãosinha e uma sexta-feirasinha santa com tudo bem ás escuras, Senhora Margarida — tira-lhe tudo. E nem eu, nem a senhora, nem ninguem gosta de que lhe tirem tudo, porque a quem se tira tudo deixa-se sem nada. As touradas e os theatros chamam muita gente, mas já não é a mesma coisa: custam muito dinheiro e o dinheiro está caro. Quem tenha muita familia só lá uma vez por outra é que póde leva-la aos toiros, e se a quer levar ao theatro precisa pôr-se á espera de que haja algum beneficio no Principe Real ou na Trindade, para arranjar camarote mais barato. Depois, sempre lá vêm as filhas com a choradeira dos vestidos claros, que já fingiram de novos quatro ou cinco vezes e não

Sexta-feirasinha santa, com tudo bem ás escuras, Senhora Margarida

na mais volta a dar-lhes; e lá tem o pae de se explicar com mais alguns metros de tarlatanas e mais alguma conta da modista, para que as pequenas não façam má figura no meio das outras. Mais um chapeu d'aqui, mais uma sombrinha d'acolá, e por muito barato que todas essas bugigangas custem, como agora custam, desde que para ahi ha essas grandes lojas que as vendem por metade do que ellas d'antes custavam, sempre tudo monta a uma boa conta calada—tão calada ás vezes, que ninguem chega a saber como elles a pagam...

Ora, para a egreja, já não são precizos estes berbicachos, e quem quer entrar na casa de Deus entra sem pagar. Alli todos somos eguaes. Póde-se ir para lá com um vestido mais usado e com um chapelinho assim de mais ou menos, que ninguem se põe a fazer reparo nisso. Até p'lo contrario, que o que a egreja mais recommenda é modestia. Muita luz nunca ha, porque assim convém, a todos os respeitos: em primeiro logar porque as vellas, os cirios e o azeite estão p'la hora da morte, e o gaz, que é o que hoje mais se gasta nas egrejas, não sae por muito menos; em segundo logar, porque a pouca luz, uma meia escuridão, convida mais ao recolhimento das almas, infunde mais respeito, e aqui para nós, Senhora Margarida, que ninguem nos ouve, ajuda á somneca que é um regalo, quando os officios são muito arrastados ou a prédica não presta... Razão tinham os antigos, que mandavam pintar quadros da vida dos santos nas vidraças dos templos, para que a luz do sol se quebrasse nelles e não viesse aclarar os misterios da religião, nem distrair os fieis do sonho da vida eterna...

Ha muito quem pergunte que fim levam então os muitos arrateis de cêra e os muitos litros de azeite provenientes das promessas aos santos que

Muitos arrateis de cêra e os muitos litros de azeite

têm altar nas egrejas de Lisboa. Pois que fim hão de levar, se até á propria causa da christandade não convém gastá-los? Voltam os cirios para o cerieiro, volta o azeite para o azeiteiro; e como os santos, quando não são de pau são de barro, e como os milagres já estão feitos quando se pagam as promessas—porque a gente acredita muito nos santos, mas nunca lhes pága adeantado com medo de ser mal servida—ganha o cerieiro, ganha o azeiteiro, ganhamos nós, e ainda a fé fica de ganho.

Janotices dentro da egreja não são precisas para nada. Ha ainda até muito boa gente a quem ellas escandalisam. Não sou eu da era dos affonsinhos, e muito bem me lembro, e tambem a Senhora Margarida, que ha de andar pela minha idade, se lembra com certeza de só vêr nas egrejas mulheres de capote e lenço e fidalgas de man-

A' Graça vão todas só por causa do Senhor dos Passos, nem nenhum outro actor lhes fala tanto ao coração

tilha. Tudo era respeito, olhos no chão, e mãos postas. Em se passando para lá do guarda-vento, já ninguem mais olhava senão para dentro de si, para a sua miseria, para o seu nada. Emquanto o padre não vinha para o altar ou o organista não ia para o orgão, podia-se ouvir voar uma mosca. As contas corriam pelos dedos e as orações pelas bôcas, como corre uma aragem pelas folhas d'uma arvore. De vez em quando, no meio de todo aquelle silencio, sentia-se cair uma moeda na caixa das esmolas, sobre o montinho d'outras que já lá estavam, e uma pessoa ouvia-lhe tão bem o tinido, que logo dizia que era um pinto...

Capote e lenço, hoje, só nalguma velha de entrudo; a mantilha tambem passou de moda: anda tudo de chapelinho. Mas se as plumas estão muito esfarripadas, ou as flôres muito murchas, compra-se outro para o passeio e fica esse para ir á missa, ao Senhor exposto, ou á novena.

A egreja, que sempre foi contra o luxo, sabe muito bem o que faz. Quem gasta muito em sedas e veludos gasta pouco em esmolas. E das esmolas é que vive a egreja. Isto é tão certo, Senhora Margarida, que quando chega o fim do semestre e vem a mudança das casas, a primeira coisa que eu faço é indagar das freguezas antigas que me ficaram se as que vieram de novo se apresentam com grandes vestidos e chapeus de muito preço; e só quando ellas me dizem que não, ou que não deram por isso, é que eu vou bater-lhes á porta. De contrario, nem já me incommodo...

Vão ás Côrtes, chegam a ministros

Claro está que isto não se entende com essas damas da grande roda que podem dispôr de muito dinheiro e a quem não faz falta o que gastam com os beneficios de Deus para tambem andarem bem enredadas nas tentações do Demonio. Muitas d'ellas dão tanto a ganhar á egreja como á loja de modas, mas têm lá as suas devoções muito particulares, e não se arredam d'ellas. Quem as quizer vêr é ir á Graça, a S. Luiz Rei de França e a Santos-o-Velho. Fazem com as egrejas o mesmo que fazem com os theatros: só querem S. Carlos, D. Maria ou D. Amelia.

A' Graça vão todas só por causa do Senhor dos Passos, como vão a D. Maria só por causa do Brazão. Nenhum outro santo nem nenhum outro actor lhes fala tanto ao coração.

No dia em que o Senhor dos Passos da Graça vae para S. Roque, ahi abalam todas ellas para S. Roque; mas mal elle volta outra vez para a Graça, ahi voltam ellas outra vez com elle. Com o Brazão, a mesma coisa: foi elle para o D. Amelia, lá foram ellas com elle; voltou elle para D. Maria, ahi voltaram ellas para D. Maria outra vez. Parece que não ha santo que tão bem faça um milagre, nem actor que faça tão bem um papel.

Como S. Luiz é a egreja dos francezes e tudo ali se faz á franceza, vão lá para se darem ares de entender francez, como vão a S. Carlos, onde só ha musica, para se darem ares de entender muito de musica. E como á roda de Santos-o-Velho é que ha ainda ajuntamento de gente fidalga, restos de maior quantia, sobejos do tempo em que os nossos reis ali tinham palacio e aquelles sitios eram regalo de verão para a côrte, lá vão todas á egreja de mistura com as senhoras commendadeiras—as fidalgas porque são fidalgas, e as que o não são porque o fingem ser...

Depois, como a Senhora Margarida bem sabe por aquillo que lá lhe ia acontecendo em casa com a sua patrôa, se o nosso prior não acode a tempo, toda esta gente nova dos jesuitas estende os gadanhos por onde sente bago, e não ha metal amoedado que a farte. Mas com isso não me ralo eu, porque vejo as coisas cá por outro vidro, e tenho para mim como certo que d'aquillo que parece ser só para elles vem ainda uma boa parte a ser para nós... Quer saber como? Pois eu lhe digo. Está provado, e é coisa muito sabida, que os collegios mais afamados que hoje ha são os collegios dos jesuitas. Só quem de todo em todo não póde é que não mette nelles os filhos. Tenho ouvido dizer que a rapaziada aprende lá tudo quanto ha para aprender, e fica a sabê-lo como aquelles que o sabem. Esta coisa de linguas estrangeiras, com que d'antes ninguem se importava e que agora parece ser muito precisa; contas, tambem mais precisas agora do que nunca, porque já lá vae o tempo em que só os mordomos é que deitavam contas ao dinheiro dos amos, governando-lh'o, sim, para mais terem que roubar; coisas da sciencia, etc.—tudo isso o aprendem elles na perfeição. Para os enrijar dão-lhes boa comida, obrigam-nos a fazer palhaçadas com as pernas e com os braços, prégam com elles nestes banhos de esguicho como ha em Rilhafolles para acalmar os doidos. E têm lições de dança, e representam comedias,—eu sei lá! tudo quanto convém a filhos de boa gente para se apresentarem na sociedade, saberem estar nella e viver nella, e aproveitarem da vida o mais que possam. Lá como elles lhes ministram as idéas da religião de modo a tornar os rapazes mais crentes no Espirito Santo e na Immaculada Conceição do que eu e do que a Senhora Margarida, é que não sei. Aquillo, provavelmente vão dizendo aos pequenos que é sempre bom benzerem-se antes de dar a sua cambalhota... O que sei é que quando elles depois vêm cá para fóra, taludos e desempenados, mettem hombros a tudo quanto é bom negocio, assentam praça no exercito, engalfinham-se na politica, vão ás Côrtes, chegam a ministros, e tudo isto é d'elles.

Quem faz do povo o que quer, Senhora Margarida?

Levantando a cortina

São porventura os maçons, os livre-pensadores, os inimigos da egreja? Pois não fostes! Veja lá a senhora se esses são capazes de arranjar dinheiro para levantar a estatua ao Marquez de Pombal! Vê se a toscas, ó miroscas! Elle que se contente com o medalhão por baixo do cavallo de D. José, e vá que está com muita sorte... Não senhora: quem faz do povo o que quer é a egreja, são os amigos da egreja. E emquanto os governos sahirem da egreja, com ministros a quem os jesuitas ensinaram a trabalhar no trapesio, e nas argolas, estamos nós todos nas nossas sete quintas!

Para que as coisas vão seguindo por este caminho, o que convém é que só a rapaziada de boa gente receba educação esmerada. Cá o povinho, tudo isto assim aqui ao redor do Soccorro e de S. Miguel d'Alfama, gente de fabricas, de officinas, de trabalho e canga, quanto mais brutinho, melhor. Eu, se um dia fosse governo, a primeira coisa que fazia era acabar com as escolas de graça! Ha quem diga que se o povo soubesse lêr tudo isto virava de bordo no rumo da verdadeira felicidade. Nescios os que o dizem! Ponha-me a Senhora Margarida toda esta arraia miuda a poder lêr o que anda escripto nesses pasquins que mettem á troça as sagradas coisas da religião, e verá... Digam-lhes que entrem de roldão pelos templos; que deitem abaixo dos seus altares os santos que sorriem para o ceu com o peito cravado de settas ou com as espaduas vincadas de cilicios; que apedrejem as procissões e os cirios onde as pobres mães enfileiram os filhos de cabelleirinhas loiras e azas de anjo, e todas nelles se revêem, docemente embevecidas; façam calar a bôca, façam descer do pulpito aquelles que têm o dom de nos fazer crêr na bemaventurança eterna; tirem ao casamento a benção do padre unindo as mãos trémulas dos esposos, entre muitas luzes, muitos jarros com flôres, e um lindo repique de sinos; levem o baptisado para a administração do bairro, e ponham ás creanças nomes arrevesados de herejes em vez de bondosos nomes de santos; deixem que um dia lhes chegue a morte á cabeceira da cama sem que já lá encontre um enviado de Deus a tomar-lhes conta da alma, que é ainda a unica coisa que de toda esta vida se salva — e então havemos de vêr se será muito maior o numero dos felizes, ou pelo menos dos que se digam contentes com a sua sorte...

Deixe-os falar, deixe-os falar! A egreja, e as coisas da egreja têm ainda para peras, e o mundo, que parece não se fartar de dar voltas, ha de ainda fartar-se das muitas que terá a dar antes que os homens cheguem a encontrar para o mal das almas remedio melhor do que é a esperança de uma outra vida depois d'esta: vida eterna, vida de bemaventurança, vida sem guerras, sem privações, sem dôres.

O que em todo o caso se não póde pôr de parte é o que bóle cá com o nosso rico corpinho e ajuda ao bem d'elle, que não é pequeno bem. P'la alma, nada ha que recear. Deus é pae de infinita misericordia, e o ceu ha de chegar para todos. Mas sempre convém ir fazendo acreditar que o resgate das almas que cáem no Purgatorio só se faz á custa de muito pataquinho, que é para os bemfeitores não perderem o costume de nos ajudar a viver...

Isto já foi melhor, mas não é ainda nada mau. Anda a gente muito, tem de andar muito, tem muito que andar. Galga muita escada, trepa a muita agua furtada, apanha com muita porta na cara, constipa-se a miudo por ter de trazer a calva á mostra, e sem mais abafo que esta coçada capinha sem mangas; mas não dá o tempo, nem as passadas, nem o muito que lhe pinga o nariz por coisas mal empregadas. Para viver, e arrecadar algum vintemsinho para o resto da velhice, ainda chega!

Sabe que mais, Senhora Margarida? Em lhe morrendo a Senhora Viscondessa, se ha de vocemecê ficar só neste mundo com isso que ella lhe deixar, faça uma coisa: venha para a minha companhia. Se é certo que na terra todas as almas andam aos pares, porque não havemos nós de emparelhar as nossas?

Vá lá pensando nisso — e adeus!

...Para a cera das bemditas almas do Purgatorio...

Alfredo Mesquita.

A primeira do "Barba-Azul" em 1868

De vez em quando é interessante recordar as grandes noites de theatro de ha 40 e 50 annos,—para marcar bem o profundo contraste entre o enthusiasmo d'então e a gélida indifferença d'agora. Essa recordação de melhores tempos tem simultaneamente o valor d'uma saudade para os velhos e d'um ensinamento para os novos. Hoje, diante do riso amarello das platéas, diante da sua impassibilidade *blasée*, ninguem acredita que a mascara d'Arlequim podesse ter conduzido alguma vez ao Capitolio. E, entretanto, assim succedeu. Houve noites em S. Carlos e na Rua dos Condes, na Trindade e em D. Maria que tiveram fóros de acontecimentos nacionaes e cujas ovações irradiaram até aos mais modestos recantos de provincia. Uma d'essas noites —talvez a mais ruidosa de todas—foi sem duvida a da primeira representação do «Barba Azul» no theatro da Trindade, em 13 de junho de 1868.

O actor Leoni no papel de «Alchimista Popolani»

Tinha-se representado pouco antes, no Principe Real, com um successo enorme, a «*Grã Duqueza de Gérolstein*». A Letroubeou batera o *record* da operetta. Ninguem suppunha que podesse exceder-se o exito então obtido. As enchentes succediam-se; a platéa, sacudida de enthusiasmo, fazia bisar, trisar, os trechos predilectos; as representações terminavam sob uma chuva de flores. Foi portanto com justificado interesse que os entendidos leram nos jornaes do tempo a noticia sensacional de que Francisco Palha ia montar na Trindade uma nova operetta de Offenbach: o «Barba Azul».—Pois dar-se-hia caso que fosse ainda melhor?»—perguntavam os bem intencionados, para quem o bicorne de feltro do barão Puck era o supra-summo da buffoneria galante. —«Ter o arrojo de pôr outro Offenbach depois da *Grã-Duqueza!*»—protestaram os amigos do velho Ruas, erguendo os bengalões de canna da India, cujas ponteiras de ferro faiscavam indignação. E as discussões agitavam-se, e as más vontades surgiam. Entretanto, o «Sr. Palha», como lhe chamavam respeitosamente os artistas, vencia difficuldades, fazia prodigios, iniciava os trabalhos da montagem, chamava os scenographos Procopio e Lambertini, convidava o maestro Angelo Frondoni para ensaiar a partitura, fechava contracto com 20 professores da orchestra de S. Carlos. Como o calor apertasse, os jornaes noticiavam «*que para a primeira representação do «Barba Azul» todos os ventiladores do theatro da Trindad, em numero de 178, seriam abertos*». Começou a correr que o guarda roupa era excellente. «*Aquelle immortal Cruz*»—dizia o «Diario de Noticias» de 11 de junho—*que possue o admiravel condão de extasiar com os primores do seu guarda-roupa, acaba de alcançar um*

O actor Joaquim d'Almeida no papel de «Ministro Oscar»

A actriz Delphina no papel de «Rainha Clementina»

triumpho concluindo os fatos para a opera comica «O Barba Azul». São riquissimos e de effeito deslumbrante. O velludo, as pelles finissimas, o oiro, a prata e as sedas de subido preço, ostentam-se em salas vistosas e devidas todas ao trabalho de artistas nacionaes. Os fatos destinados a Delfina, Anna Pereira, Rosa Damasceno, Queiroz, Isidoro, Joaquim d'Almeida e Leoni, são no genero verdadeiros primores d'arte.» Effectivamente, Francisco Palha estava montando a peça *en grand seigneur*. Jogava n'essa cartada brilhante alguma coisa mais do que a meia duzia de contos em que se orçava a despeza: jogava a sua sumptuosa e castelhana vaidade d'emprezario, cujo sonho d'omnipotencia, quasi realisado mais tarde, era o *trust* dos theatros de Portugal.

O actor Brazão no papel de «Principe Saphir»

Chegou finalmente, entre os murmurios dos descontentes e o risinho desdenhoso dos amigos da Letroublon, a noite de Santo Antonio para que estava marcada a primeira representação do «*Barba Azul*». Nem a «*Ignez de Castro*», que se estreiava n'essa mesma noite nas Variedades, nem o pleno exito das «*Tentações do Demonio*» em D. Maria II, com Theodorico e Emilia das Neves, impediram que a sala do theatro da Trindade se enchesse completamente, abafadamente, desde as coxias da platéa, que regorgitavam de espectadores sem cadeira, até ás ultimas torrinhas que davam a impressão confusa de barracas de *Pim-pam-pum*. Os intimos da empreza affirmavam que a peça agradaria. Havia a agitação, a alegria, o bom humor, esse «não sei quê» indefinivel que é o prenuncio certo dos grandes exitos. Soaram as tres pancadas de Molière. Logo a symphonia de abertura, regida pelo Frondoni, muito vermelho, com um lenço entalado no pescoço e a batuta descrevendo curvas inverosimeis, dispoz admiravelmente o publico. — «Linda musica!» — segredavam de camarote em camarote, entre o arfar morno dos leques, as bellezas profissionaes de sala de balão. D'ahi por diante,

O actor Queiroz no papel de «Barba Azul»

desde que se levantou o panno para o primeiro acto, foi um successo immenso de gargalhada. Os typos desfilavam, grotescos, caricaturaes, brilhantes, ampliados ainda da graça nativa do *Fabliau* de Perrault pelo humorismo facil e galante de Francisco Palha. Delfina, a maior caracteristica que teve o theatro portuguez, vinha admiravelmente na «*Rainha Clementina*», com o seu merinaque anachronico e o seu vestido armoriado. Isidoro era um «*Rei Bobeche*» infinitamente pittoresco. Ácerca de Queiroz, soberbo tenorino a quem coubera a parte de

A actriz Anna Pereira no papel de «Carlota»

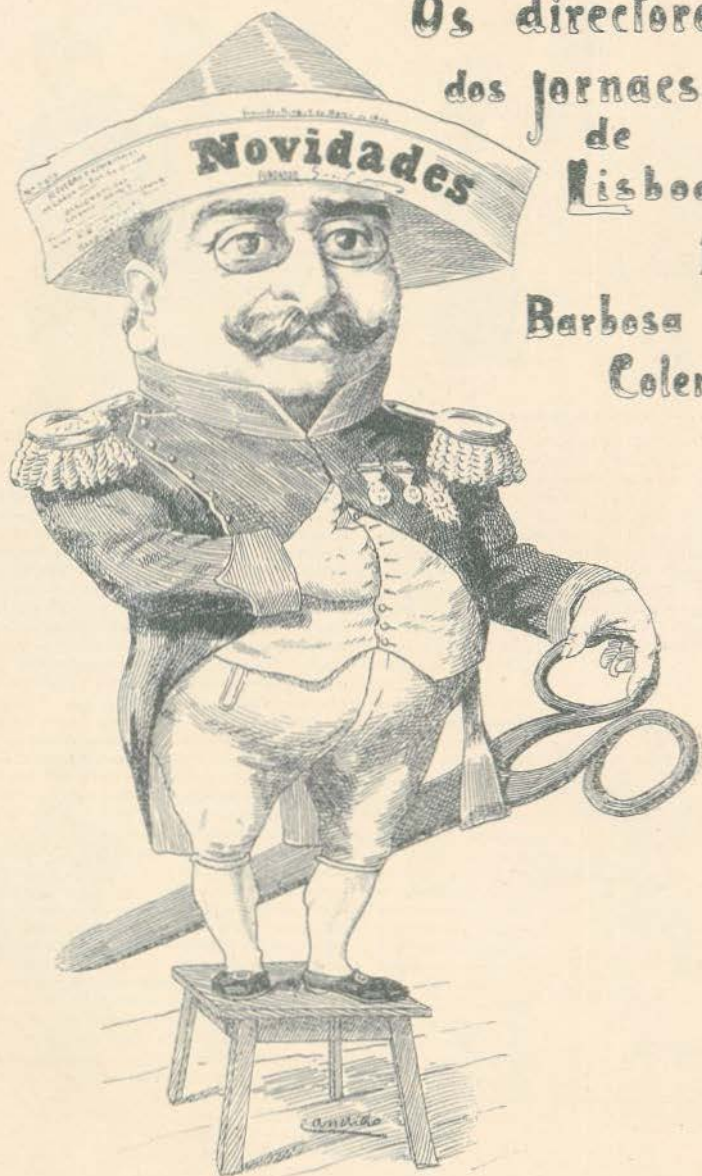
A actriz Rosa Damasceno no papel de «Princeza Hermina»

«*Barba Azul*», dizia um jornal do tempo: «*O sr. Queiroz agradaria duplamente, por certo, se podesse dar ao seu papel menos serie*ˌ*ade e ma*ˌ*s graça*». Joaquim d'Almeida, de gorro, bota alta e enormes esporas doiradas, era o «*ministro Oscar*», executor das altas sentenças do Rei Bobeche,—assombroso monarcha que ensinava os subditos a fazer-lhe reverencias, e mandava fundir a moeda do reino para levantar estatuas equestres a si proprio. Brazão, no «*Principe Saphir*», apaixonara as meninas de Lisboa, com os seus bellos olhos azues e a sua linda cabelleira d'um loiro cendrado,—e Rosa Damasceno, na «*Princeza Hermina*», como uma figurinha de Saxe muito rendilhada e muito leve, fazia o *pendant* da graça e da gentileza com aquelle que havia de ser mais tarde seu marido. Anna Pereira, a illustre actriz que não deixou successora na operetta, encarregara-se do papel de *camponeza*, onde a sua desenvoltura e a sua lindissima voz fizeram verdadeiros prodigios,—mas não sem que outro jornal do tempo lhe não lembrasse, n'um tom grave de censura, que os seus *ademanes excessivos eram mais de uma «maja» de Andaluzia do que d'uma camponeza de Gerolstein*». Por fim, Leoni, no «*alchimista Popolani*» ao mesmo tempo ingenuo, ardiloso e caricatural, tinha uma verdadeira creação e levantava a platéa com simples phrases, com simples ditos, com simples attitudes. Quando cahia o panno sobre cada acto, não se sabia o que mais agradara: se o libretto de Meilhac e Halevy, esfusiante de graça e de subtileza, se a musica diabolica e dançada de Offenbach, leve como espuma de Champagne e galantemente perversa como o chanfro d'um decote. O coro dos beijos, o coro do duetto foram bisados, trisados. As ovações succediam-se; derramavam-se flores dos camarotes; as elegantes rompiam as luvas, applaudindo; no dia seguinte os moços do theatro achavam joias, cahidas talvez do balcão durante a furia dos applausos. Francisco Palha foi chamado á scena com o maestro Frondoni, que agitava o lenço e sorria. Moniz, o ensaiador, Lambertini, o scenographo, Cruz, o guarda-roupa,—tudo partilhou do successo enorme do «*Barba Azul*». No dia immediato, um dos principaes jornaes do tempo rompia o côro de louvores ácerca da linda peça da Trindade: «*Viu-os de lá! Que alvoroço! A sala estava a trasbordar. Não se ouvia fallar senão no «Barba Azul», e o nome de Offenbach corria de bocca em bocca como as suas notas d'ouvido em ouvido. Decididamente «o «maestrino» como lhe chamam os francezes, está em moda. Pôr em scena o «Barba Azul» depois da «Grã-Duqueza» é coisa deveras de espantar; mas applaudirem o «Barba Azul» depois de terem applaudido a «Grã-Duqueza», isso é que espanta meio mundo.*»

O actor Brazão no papel de «Principe Saphir»

O actor Izidoro no papel de «Rei Bobeche»

Francisco Palha vencera em toda a linha. Durante annos e annos, a celebre operetta de Offenbach foi representada na Trindade. Leoni, Anna Pereira, Queiroz, conservaram indefinidamente os seus papeis. Nunca houve memoria d'um successo egual. Outras épocas, outros costumes. Hoje, tudo mudou, perante o risinho amarello e desdenhoso da platéa das *premières*. Onde está o antigo enthusiasmo d'outro tempo, que fazia reputações e consagrava talentos. *Où sont les neiges d'antan?*»

Os directores
dos jornaes
de
Lisboa
1º
Barbosa
Colen
Novidades
Candido

A região viticola do Douro, que convém não confundir com a provincia que nas cartas geographicas figura com o mesmo nome, é antes uma zona geologica de que uma divisão etnographica. Cantão essencialmente agricola, entalha-se profundamente nas orlas extremas de tres provincias limitrophes, Traz-os-Montes, Beira Alta e Beira Baixa, com o leito do rio Douro por centro. Uma serie ininterrupta de montes, succedendo-se uns aos outros n'um encadeamento indefinido, constitue essa zona, retalhada aqui e além por estreitos sulcos de algum ribeiro apertado e fundo, ou pelo leito mais vasto de algum rio pedregoso e bravio. Das cumiadas d'esses montes, ás vezes arredondando-se como immensos uberes, ás vezes denticulando-se em aguçadas cristas, desce para os cursos d'agua ou para os estreitos valles uma encosta accidentada e abrupta, com pendores vertiginosos de despenhadeiro: é a zona viticola por excellencia, onde o vinho generoso se forma e nasce. Para além, para detraz d'essas cumiadas, começam os altos *plateaux* transmontanos e beirões, onde o vinho, bom ainda, já não possue, comtudo, a delicada fragrancia que caracterisa o legitimo Douro. Todavia, se esta limitada zona não trasborda para além dos limites que a natureza lhe assignalou, em muitos sitios irradia,—e pelas margens alcantiladas do Sermanha e do Corgo, do Varoza e do Temilodos, do Tua e da Teja, do Sabor e do Côa, para só das arterias primaciaes falar, penetra muito a dentro no amago das terras, e a cepa encontra ainda o mesmo humus favoravel ao mesmo producto.

N'esta zona essencialmente ribeirinha,—ribeirinha do Douro ou dos seus afluentes—em que uma rocha schistosa aflora e predomina, a vinha sempre, a oliveira ás vezes, são os unicos vegetaes que vicejam e medram. A horta, com a multiplicidade dos seus productos, o pomar, com a va-

riedade profusa das suas arvores, a seara com o numero avultado dos seus cereaes, não se ageitam n'estes terrenos asperos e calcinados, que nenhuma humidade aviventa, que a mesma chuva apenas borrifa ao de leve, escoando-se logo em mil filetes pelo pendor das encostas ingremes. Tão só, de longe em longe, como amostra, n'algum terreno mais plano, alguma colheita magra de centeio, que não compensa as despezas da cultura, se logra arrancar á aridez da terra ingrata, e de onde aonde, n'algum raro chão mais favorecido, uma minguada nesga de horta, que os ardores do estio não raro inutilisam. A propria cepa, essa mesma, acaso definhasse e morresse com frequencia nos terrenos mais accidentados e pobres de humus, se a previdencia do lavrador não oppuzesse á inclinação das terras, a fraca horisontalidade dos socalcos. Só a vinha, com dispendios enormes, se póde ahi cultivar; só o vinho ahi se póde colher. O pão, como a hortaliça, como a batata—todos os productos do campo, da seara e da horta,—vem de mais longe, dos planaltos transmontanos e beirões, onde a agua, mais abundante, torna a terra mais fertil.

Os que cultivam a ura

Por esta região, que a natureza privilegiou, formiga, ora agglomerada á moda romana, ora dispersa á moda celta, uma população laboriosa e activa, que arredondará 200:000 habitantes, mais talvez, que da lavra d'um solo pedregoso e ingrato, não raro revolvido a fogo, tira os meios de subsistencia.

É cara a cultura da vinha nas terras do Douro. Se ha terrenos fundos e ferteis, raros como phenomenos, onde o plantio d'um milheiro de bacellos orça entre 60$000 a 100$000 réis, mais numerosos são aquelles onde o dispendio monta a 150$000 e 200$000 réis, havendo mesmo sitios frequentes em que a mergulhia attinge 300$000 réis por milheiro. E do Corgo ao Tua, não é difficil encontrar terrenos schistosos de grande dureza, onde a simples plantação de mil bacellos arredonda 600$000 a 1:000$000 réis!

A addicionar a esta somma, já de si espantosa, as despezas do grangeio,—póda, cava, redra, empa, duas enxofras, tres sulphatagens, custo das vindimas, etc.—orçadas entre 8$000 a 10$000 réis, por pipa.

Assim caras, a plantação e a cultura, o lavrador do Douro não póde competir em barateza de preços com a lavoura d'outras regiões, de solos fundos e ferteis. A menos de 100$000 réis por pipa para o Alto Douro e 30$000 réis para o Baixo Corgo, o lavrador não tem lucro positivo; e no emtanto cotam-se hoje vinhos do Alto Douro a 50$000 e 60$000 réis, e no Baixo Douro entre 14$000 e 20$000 réis! É a ruina, com todo um sequito de horrores!

Foi esta carestia na cultura, que provocou a concorrencia desleal e cupida dos productos inferiores, mas baratos, d'outras regiões de cultura facil, e motivou assim, mais que o excesso de producção, a crise actual, que de ha muito se vinha desenhando nos seus lineamentos assustadores, e que hoje, attingida a sua maxima culminancia, já não constitue uma ameaça, senão que precipita uma catastrophe.

Porque todo o habitante do Douro, desde o lavrador que recolhe centenares de pipas nas suas adegas, até ao humilde cultivador que vende as suas uvas a pezo para evitar despezas; desde o simples tanoeiro que labuta nos armazens até o activo, obscuro e paciente jornaleiro que moureja na terra desde o raiar d'aurora até o cerrar da noite,—todos elles se debatem na engrenagem possante do desespero, a contas com a ruina, com a usura, com a mizeria, com a fome!

A lavoura do Douro, com excepção de alguns *lavradores* que para as bandas de Villa Nova de Gaya prosperam e medram á sombra dos *douros* estremenhos e alemtejanos, a que as colheitas das suas quintas durienses dão tempero e a barra do

Porto dá nome,—está endividada até á medulla dos ossos. Deve a todos e a tudo, o que come como o que veste. Deve ao banco, deve á usura, deve ao fisco, deve ao lojista,—deve, emfim, sobre hypotheca, deve sobre palavra, deve sobre penhores, e são sem conta os que teem o producto das suas colheitas já hypothecados por largos annos!

Quando a invasão assoladora da philoxera passando sobre as terras durienses como a ira do Senhor sobre os vergeis de Canaan, reduziu toda a região a um desolado baldio, o lavrador, esperançado de dias melhores, tratou de proceder á resurreição da vinha morta, de restituir á fecundidade os maninhos incultos, e, para o conseguir, endividou-se. Hypothecou as suas terras, hypothecou as suas colheitas existentes e porvindouras, recorreu, emfim, a todas as entidades e a todos os meios, desde o banqueiro ao usurario, desde o commerciante que especula até o prestamista que cauciona penhores. Depois, provido, tudo isso consumiu no amanho da sua leiva, e por largos annos foi em toda a terra duriense uma actividade immensa, indescriptivel, nunca vista. Legiões operarias, contando-se aos milhares, laboriosas como formigas, revolveram fundo o ventre esteril das terras maninhas, como os ciclopes d'outr'ora revolviam montanhas, e lançaram de novo á terra os germens fecundos de novas messes. E desde os mais fundos reconcavos dos valles até ás mais inaccessiveis cumiadas, desde as terras facilmente araveis que o moliço do Douro accumulou em successivas alluviões até ao humus mais ingrato que só a ferro e a fogo desagregava,—tudo resurgiu da aridez das cousas mortas, e a vida, com toda a sua energia potente e creadora, começou a desentranhar-se em novos fructos, em riqueza nova. Reappareceu outra vez a verdura virente do pampano nas encostas até ahi calcinadas e nuas, onde a mesma herva damninha não lográra acclimar-se.

Foi a quadra feliz do trabalhador, se quadra feliz elle tem tido na sua existencia amargurada e triste. Salarios rasoaveis, trabalho constante, e d'anno para anno, pelo outomno, as vindimas, opulentas já, pondo um remate de fartura na culminancia do anno prospero.

Mas tudo isso passou depressa, desgraçamente, como um meteoro brilhante que se apaga rapido nas profundidades tenebrosas da noite tragica, e a ruina, pesada e destructiva como uma avalanche que se despenha, não tardou a ameaçal-os de perto com a sepultura dos seus escombros.

É que no meio d'uma actividade que fazia bem a tanta gente, que enriquecia alguns e dava o bem estar a todos, o lavrador, como um paciente cujo sangue, por transfusão, avigorasse outros em detrimento proprio,—esmorecia e abatia cada vez mais, enredado nas malhas d'uma rêde de difficuldades. Na vereda, mais e mais angustiosa em que se embrenhára, não encontrava saida por onde se evadir ao perigo que o perseguia de perto, rondando em torno d'elle como um abutre ao redor d'uma preza. Só o producto das suas colheitas podia vir em seu auxilio, libertal-o de canceiras, indemnisal-o de labores.

Não veiu! A mixordia, victoriosa, tomou o logar que competia ao producto honesto,—e o lavrador infeliz viu as suas adegas attestadas no momento preciso em que a casa se lhe enchia de rumas ameaçadoras de papel sellado! Era o usurario reclamando o capital ou os juros da terra hypothecada, era o fisco estendendo a sua garra adunca em nome dos interesses inconfessaveis do Estado sanguesuga, era o fornecedor exigindo o importe das suas facturas!

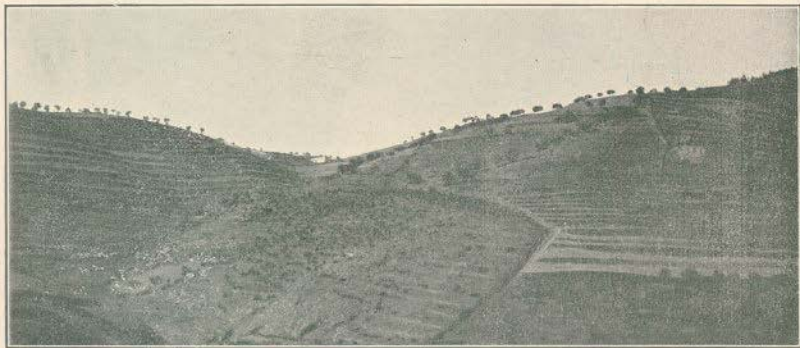
Começou então essa lucta épica, atroz, desesperada, mas ingloria, mais terrivel que os combates homicidas, mais dolorosa que as pugnas sangrentas. Porque o traspasse nas batalhas é um relam-

Os que vendem o vinho

pago que fulmina, — e já Balzac perguntava se o primeiro couraceiro que transpoz o reducto de Moskova seria mais corajoso do que o humilde perfumista que abordava os financeiros da alta banca;—emquanto que a vida na mizeria, no desespero e na angustia, é uma morte moral, continua e lenta. O potro, precedendo o patibulo.

E elle tinha-os tambem, esses instrumentos de tortura e de morte, servidos por dois carrascos habeis no mister,—o fisco e a usura. O primeiro, malta feroz e astuta, insaciavel como Moloch, faminta como Ugolino; o segundo, para especular com a sua mizeria, com a sua ruina, com a sua desventura, como os antigos traficantes de carne humana traficavam com as populações vencidas, escravisadas nas terras que a guerra assolava.

Presegueda e circumvizinhanças—na sua maior parte terrenos a monte, sem cultivo

Debalde o agricultor circumscreveu todas as despezas, votando-se com os seus a um sacrificio doloroso: debalde! Sem saida para os seus productos, sem uma venda remuneradora para as suas colheitas, todo o seu esforço ficou inutil, todos os seus sacrificios quedaram estereis! Rodeado de difficuldades e de perigos como um viandante no deserto rodeado de salteadores, debate-se no circulo vicioso d'uma impotencia reconhecida, e leva uma existencia angustiosa, receando todos e temen-

Margens do Corgo—Antigas quintas, que produziam finissimo vinho e que hoje apenas produzem giesta, urze e tojo

filho dilecto do Estado que nunca o ajudou com capitaes baratos quando quiz trabalhar, que desprezou as suas reclamações quando a crise se annunciava já, temerosa e tragica, mas que se lembra sempre d'elle para os effeitos collectaveis, e para carinhosamente lhe açular, sob a designação pomposa de *empregados das execuções fiscaes*, uma

do tudo,—o fisco que o ameaça em nome do Estado, o usurario que o persegue em nome do seu dinheiro, o fornecedor que o sitia em nome das suas dividas. E o negociante confessa, espavoridamente, que não vende, hoje, a terça parte do que outr'ora vendia, e que, só na villa da Regoa, ha para mais de 40 contos de réis de dividas que a crise torna incobraveis.

Assim alcançados, o lavrador e o commerciante, pelos effeitos do mesmo descalabro, cedo o operario sentiu, elle tambem, as consequencias do golpe. E hoje, envolvido por sua vez nas engrenagens impiedosas da desgraça como Laocoonte nas roscas com um salario medio de 260 réis, ou seja uma totalidade annual de 54$000 réis, que a quadra mais movimentada das vindimas poderá elevar a 60$000 réis. Pois é d'estes 60$000 réis que elle tem de pagar as contribuições do Estado, do districto, do municipio e da parochia, a congrua do sr. abbade e as percentagens do professor official, —tem de alimentar-se durante 155 dias em que não moureja ou trabalhou a secco, a familia durante todo o anno, e vestir-se e calçar-se a si e a todos os seus!

Mas emfim, pouco embora, alguma coisa tinha; agora nem esse pouco lhe resta, por isso que o la-

Terrenos das margens do Corgo—Antigos cultivadores de vinha, hoje cultivando milho

viperinas das serpentes, sente como os outros, e mais do que elles, os effeitos pavorosos da catastrophe.

A vida do trabalhador do Douro foi sempre canceirosa e mesquinha. Aqui, a propriedade não tem a dispersão vulgar no Minho e Beiras, por forma a chegar um retalho á maior parte, nem o homem póde recorrer ao auxilio do boi paciente na lavra das suas terras. Tudo aqui se faz a braços, e mais de uma vez o frio de 2 graus ou o calor de 55 tem flagellado no campo o desgraçado operario. E por desgraça nunca os salarios compensaram este labor insano.

Dos 365 dias que tem o anno, 65 estão-lhe interdictos para o trabalho, por sanctificados; 30, pelo menos, perdem-se por contingencias varias; e no verão, de meiados de maio a meiados de setembro, só trabalha aos meios dias, a secco, perdendo, assim, mais 60 dias. Restam-lhe, pois, na melhor das hypotheses, 210 dias de trabalho em cada anno, vrador, com as suas colheitas por vender, com as suas terras empenhadas, sem dinheiro nem possibilidade de o obter, ou cultiva ao de leve, superficialmente, ou abstem-se do amanho das suas terras. E o trabalhador, rôto, faminto, desesperado, começa a deixar ouvir um surdo rugir de leão enfurecido, que amedronta os domadores manhosos. Villa Nova de Gaya treme, o governo inquieta-se: e para resolver uma crise temerosa, para conjurar uma catastrophe, já iniciada, tem-se apenas dois recursos: o soldado e o *bufo*,—o exercito e a policia secreta. A terra esfaimada do Douro negreja de milicias, pullula de espiões, e o duriense, desesperado, tem ao menos a perspectiva consoladora de haver quem o denuncie e fuzile, dado que se atreva a pedir pão em voz mais elevada do que convém á digestão laboriosa d'um governo amigo da ordem.

Infelizmente, no meio d'este apparato bellico, a mizeria recrudesce e alastra. Bandos

Jugueiros — Terrenos ameaçados pela crise

de creanças pallidas, enfezadas, famintas, seguem em chusma o viandante que passa, supplicando caridade em voz lacrimosa e afflicta, e lá quando a lazeira aperta mais com ellas, atiram-se ás fructas verdes que os proprios animaes recusariam, e assaltam os silvados á cata de amoras mal sazonnadas,—quando as ha. Isto predispõe-nas para as doenças contagiosas, e mais d'uma epidemia ligeira, inoffensiva, tem ceifado tenros entes aos milhares. Assim succedeu o anno passado na minha freguezia de Godim ou Jugueiros, onde, em quasi todo o verão, outra coisa se não ouvia senão o constante badalar dos sinos tristes. E eram cruciantes de vêr os longos saimentos desenrolando-se por entre veredas solitarias, emquanto das cepas virentes pendiam alluviões de cachos rubros. Era a mizeria positiva,—rôta, abatida, andrajosa, fazendo sequito á morte,—a perpassar ao lado da opulencia negativa!

Na casa do operario falta o pão na arca, a lenha na lareira, a propria roupa no mizero catre, como na do lavrador falta, muitas vezes tambem,

Margens do Corgo — Quintas abandonadas á giesta e ao tojo

Vista geral da villa de Peso da Regoa

o necessario; e já o suicidio, até aqui quasi ignorado, foi invocado duas vezes como refugio supremo de dois infelizes,—um lavrador sem recursos ao pé das adegas cheias, e um jornaleiro sem pão ao lado dos filhos famintos!

Outros illudem a mizeria com expedientes de occasião,—e dois amigos meus ouviram um trabalhador annunciar a um vizinho que se ia deitar no meio dia, porque, não tendo pão para a mulher e cinco filhos que o cercavam, queria vêr se illudia a fome dormindo!

Tal o quadro, a largos traços esboçado. Uma engrenagem possante, estranguladora como um garrote, tudo envolve, tudo esmaga nas suas rodas denteadas, triturantes, emquanto o desespero, como uma ave sinistra e negra, agourenta e tragica, paira ao de cima das pessoas e das coisas, preannunciando,—quem sabe? —talvez a ruina que tudo anniquilará, talvez uma convulsão que, arrancando o Douro ao seu marasmo e salvando-o pela energia do proprio esforço, afunde e destrua outras cousas que hoje vivem e medram á sombra da sua indifferença e da sua resignação...

Salgueiral da Regoa, 11—III—906.

VIEIRA DA COSTA.

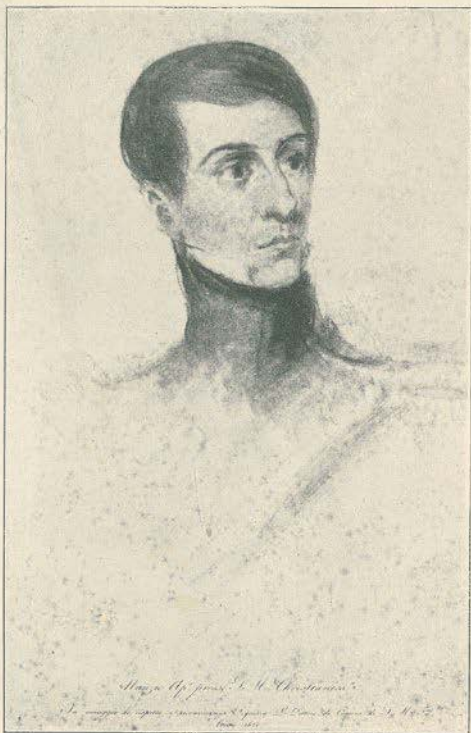
Vindimadores

D. Lorenzo Perosi

Tenor Fasciolo — Meio soprano sr.ª Guerrini — Maestro Codivilla, director dos córos — Barytono Kaschmann — Baixos Metastasi, Stagni-Tersi e Galli.

O ENSAIO GERAL DO POEMA SYMPHONICO-VOCAL «MOYSÉS» COMPOSIÇÃO DO MAESTRO ABBADE D. LORENZO PEROSI

Por este tempo, ha pouco mais ou menos 82 annos, começava a preparar-se em Queluz, em volta da figura de Carlota Joaquina, uma das mais interessantes conjurações de palacio de que resa a nossa historia, — conjuração que veiu a abortar, graças á intervenção do corpo diplomatico, no episodio nocturno e inoffensivo da Abrilada.

Estava proxima a terminar a instauração do processo relativo ao assassinio do marquez de Loulé, em que figuravam, além do marquez de Abrantes, do cocheiro Leonardo e de varios picadores e eguariços familiares do Infante,—o proprio D. Miguel e a propria Rainha. A camarilha de Queluz, que succedera á do Ramalhão, com o seu cortejo de mendigos, de contrabandistas e de frades, viu-se na necessidade immediata de esconder com um borrão de sangue as paginas compromettedoras d'esse processo,—e uma bella noite, de repente, o conde de Subserra, ministro valido de D. João VI, era ameaçado de morte n'um baile da Embaixada ingleza, o ministro de França Hyde de Neuville salvava-o no seu coche, Palmella era preso ao entrar no palacio da Boa-hora, o mesmo succedia ao Intendente de Policia barão de Renduffe, — e D. Miguel, a cavallo, em pleno Rocio, com a mesma bravura sympathica com que picava touros ou domava pôtros em Salvaterra, falava ás tropas que saíam em tropel dos quarteis, amotinadas, as armas tilintando, as placas de cobre das barretinas faiscando á luz dos archotes. D. João VI, preso e cercado na Bemposta, chorava como uma criança e ouvia as propostas perfidas de Beresford. A Rainha chegára de Queluz, esgalgada, esqueletica, com um turbante enorme, agitando o leque, debruçando-se da berlinda e falando ao povo. O plano era depôr D. João VI como demente, afastal-o para o Algarve e entregar a regencia do Reino a D. Miguel, — ou, o que importava o mesmo, a Carlota Joaquina. N'isto, a fila de côches do corpo diplomatico, com o Nuncio á frente, surge das bandas do Chiado e dirige-se á Bemposta, em meio do espanto e da confusão. Ninguem lhe tolhe o caminho. Hyde de Neuville sóbe aos aposentos reaes, beija a mão do Rei,—e, d'ahi a pouco, quando D. Miguel julga entrar no palacio como senhor e como despota,

Retrato de D. Miguel, por Domingos Antonio de Sequeira, desenhado em Paris, em 1824
(Da collecção do sr. José Mauricio Rebello Valente)

impondo vontades e dictando ordens, são pelo contrario os representantes de todas as nações da Europa que o obrigam a pedir de joelhos perdão ao Rei, contrictamente, humildemente.

Assim terminou a Abrilada, n'um simples episodio de familia, ha 82 annos, sem effusão de sangue, sem se desembainhar uma espada, sem se queimar um cartucho. D'ahi a pouco, D. Miguel partia a bordo de uma fragata portugueza, e Carlota Joaquina, esgalgada, cheia de rosarios, de bentinhos, vestida de preto, calçada de preto, toucada de preto, recolhia furiosa, reçumando fel, ao seu degredo forçado do Ramalhão.

Retrato de D. Miguel, por Domingos Antonio de Sequeira — *Retrato do Marquez de Marialva (D. Pedro)*

Os dois retratos de D. Miguel que publicamos hoje, recordando esta pittoresca conjuração de palacio, são absolutamente ineditos e devidos ao lapis, por tantos motivos celebre, do grande pintor portuguez Domingos Antonio de Sequeira. Depois do bello retrato de Giovanni Ender, que é o encanto dos visitantes de Queluz, nenhuns outros mais typicamente dão a physionomia viril, marcada, romana, intensa, do mais interessante de todos os principes que tem tido Portugal. São dois documentos admiraveis e d'um incalculavel valor. Um tem a data de 1823; o outro, offerecido ao Nuncio Apostolico junto de S. M. Christianissima, é datado de 1824, — justamente o anno da Abrilada. Examinando bem esses dois retratos, nada se lhe encontra de commum com a face adenoide e o typo familiar caracteristico da Casa de Bragança. Se ha physionomia differente da d'el-rei D. João VI, da d'el-rei D. José, da d'el-rei D. João V, é justamente, n'esses dois carvões, a de D. Miguel. Perfil secco, italiano, fidalgo, d'uma nobreza de medalha e d'uma energia affirmada em todas as linhas fortes do esqueleto, — não tem nem o prognatismo, nem a asymetria, nem a flaccidez, nem o beiço austriaco, pendente e volumoso que caracterisou durante algumas gerações o typo brigantino. É outro sangue, é outra raça, é outra familia.

Diz Mr. de Lasteyrie, neto de Lafayette, e um dos estrangeiros que combateram no Exercito Libertador, na sua Memoria «*Portugal après la révolution de 1820*», publicada em julho de 1841 na *Revista de Dois Mundos*: — «*A rainha Carlota, disforme de corpo e d'alma pervertida, não foi esposa fiel: as razões que lhe comprazia allegar em sua defeza não são para escrever-se. Só direi porque assim o pede o interesse politico, que pelos fins de 1803 ou principios de 1804 deu a seu esposo provas de infidelidade d'uma natureza tal que o obrigou a quebrar todas as relações intimas que entre ambos havia: a profunda afflicção que El-Rei sentiu, junto ao mau estado de saude, deram causa a que cahisse n'um marasmo acompanhado de accidentes nervosos.*» As pessoas mais conhecedoras dos bastidores da historia do principio do seculo XIX sabem que a paternidade de alguns dos filhos de Carlota Joaquina é indevidamente attribuida a D. João VI.

De tres d'elles, pelo menos, não foi D. João VI o pae: a infanta D. Maria Francisca era filha do almirante Luiz da Costa Feio, com quem a Rainha teve umas relações fugitivas; a infanta D. Maria d'Assumpção nasceu dos amores de Carlota Joaquina com o almoxarife do Ramalhão, João dos Santos; D. Miguel era, todos o sabiam, filho do gentilissimo marquez de Marialva D. Pedro, —filho elle proprio do grande marquez de Marialva, toureiro e cavalleiro supremo de gineta e estardiota, que deixou a maior obra que se conhece sobre a *Arte de Cavalgar*. Até n'isso D. Miguel affirma a sua filiação adulterina: era, como o avô, um cavalleiro de raça, domava pôtros com fitas de seda, rebentava cavallos entre os joelhos, corria touros como um mestre e vivia constantemente entre picadores, boleiros, campinos, eguariços e moços de estrebaria. Mas quando ainda restassem duvidas de que o pae do Infante era D. Pedro de Menezes, basta comparar um dos retratos de D. Miguel, o que tem a assignatura de Sequeira, com o retrato do Marquez de Marialva D. Pedro, que a *Illustração Portugueza* egualmente reproduz: a semelhança é tão imprevista e tão accentuada, que não deixa a mais ligeira duvida.

Os dois carvões que hoje offerecemos aos nossos leitores representam, pois, mais alguma coisa do que um simples documento historico: constituem uma verdadeira affirmação de paternidade.

O maestro Leoncavallo, que regeu na noite de 25 de março em S. Carlos, a sua opera «Palhaços»

II — TORRE DE PENEGATE

Em S. Miguel de Carreiras, concelho de Villa-Verde, existe um dos rarissimos exemplares d'essas *casas-fortes*, construidas na primeira metade do seculo XIV.

Nas discordias entre o infante D. Affonso e el-rei D. Diniz, o alcaide-mór do castello de Guimarães, Mem Rodrigues de Vasconcellos, manteve se fiel ao seu monarcha, e oppoz dura resistencia ao embravecido filho da rainha Santa Isabel.

Muito fidalgos da provincia, suggestionados pelo bastardo conde de Barcellos, tomaram o partido de D. Affonso; e aqui, como na côrte, o odio que separava os dois bandos arrebentou em injurias, vinganças e latrocinios.

A paz celebrada em Leiria em 1322 apenas suspendeu essas luctas que duraram desde 1319 até 1324; e Mem Rodrigues de Vasconcellos aproveitou a tregoa, edificando esta *casa forte*, na herdade que possuia no couto de Penegate «para n'ella salvar seu corpo e para ter aqui sua mulher e seus filhos.»

D. Diniz prohibira a edificação de solares acastellados e até mandára demolir muitos castellos habitados pela orgulhosa e turbulenta aristocracia; mas, grato aos serviços prestados pelo seu meirinho-mór de além Douro e reconhecendo que este se temia de alguns inimigos que tinha entre Douro e Minho por causa do serviço real, deu-lhe licença para levantar esta torre ameada por mercê concedida em Lisboa a 3 de outubro do anno de 1322.

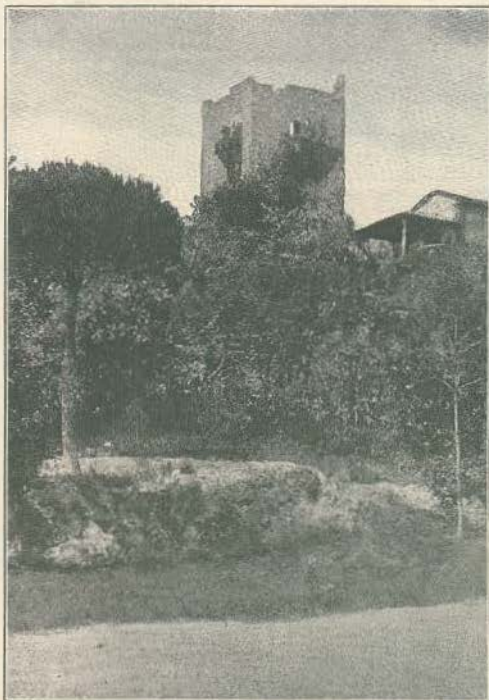
Seria difficil descobrir logar mais seguro e mais accommodado. A torre levanta-se sobre a enorme penha, que fórma um alto e encarpado outeiro e que domina o extremo valle de Febros.

Tem a fórma de um quadrado, mal alongado; e as suas grossas paredes, de boa cantaria, conservam-se aprumadas sobre o grande penedo que lhe serve de alicerce.

(Cliché do sr. João São Romão)

A porta é ogival e fica alguns metros acima do solo; e as seteiras altas e muito estreitas tinham o monopolio da luz e do ar nos primeiros pavimentos. A gravura completa esta breve descripção.

A pequena distancia está a capella de Nossa Senhora da Penha, tambem edificada sobre a penedia que se ergue a prumo sobre o caminho que passa junto do adro da egreja parochial; mas esta ermida não pertence á casa de Penegate, foi construida no seculo XVII e era cabeça do vinculo instituido pelo abbade Antonio de Valladares. Na parede, do lado do Evangelho, conserva-se o sarcophago brazonado do dr. Miguel de Valladares, irmão do instituidor, e sobre a tampa d'esse tumulo, bem deitada, a estatua do togado vimaranense.

A torre de Penegate conservou-se na descendencia dos Vasconcellos, senhores de Villa Chã, Zorim e Penella, mas o segundo e ultimo conde de Penella, D. João de Vasconcellos e Menezes, vendeu Freiris e Penegate. Quando nos occuparmos do paço de Freiris, completaremos a historia de Penegate, porque os dois solares continuaram inseparaveis e faziam parte do espolio da infeliz casa dos viscondes de Villa Nova do Souto d'El-rei.

JOSÉ MACHADO.

O carro da Alliança Latina conduzindo as rainhas de Lisboa, de Madrid e de Roma

O carro dos navegadores portuguezes e hespanhoes

As rainhas de Portugal, Hespanha e Italia—Chegada ao Elyseu

AS FESTAS DA «MI-CARÊME» EM PARIS

Na Côrte de Alfonso XIII

A Illustração Portugueza, por occasião da recentissima viagem dos reis de Portugal a Madrid, teve o grato ensejo de entrevistar um grande de Hespanha, que se dignou acolhel-a benigno, mas que deseja conservar naturalmente o anonymato. As linhas geraes do perfil de Affonso XIII tomam um especial relevo sob a palavra calorosa do illustre fidalgo que nos proporcionou communicar aos nossos leitores alguma cousa de interessante sobre o joven monarcha na intimidade e as consequencias da sua projectada alliança matrimonial com a princeza Victoria de Battenberg.

N'uma das austeras antecamaras do palacio do Oriente, emquanto, ao meio, a chamma do brazido crepitava alegre e viva e, junto á porta, um alabardeiro gigante, espadaudo e solemne, passeava, de grossa alabarda ao hombro, o seu invencivel tedio, ouvi dizer a um velho elegante e amavel, duas vezes grande de Hespanha e antiga personagem palatina, esta phrase d'um homem ao mesmo tempo convicto e satisfeito:

—Ainda bem que el-rei está verdadeiramente apaixonado!

O que de Affonso XIII dizia o fidalgo, perante as hieraticas figuras dos ascendentes do juvenil soberano, erguendo-se, como espectros, nas telas parietaes, repete-se, a cada hora, em Madrid, desde os salões do regio alcaçar até os cafés luxuosos da Puerta del Sol e da *calle* Alcalá; desde os *foyers* dos theatros centraes e dos clubs politicos, até ás pittorescas tabernas de *La Latina*, onde se acantoa uma inextricavel e indefinivel população.

Excepções haverá — quem o ignora? a essa unanimidade de sentimentos. Contraria ao consorcio de Affonso de Bourbon com Victoria de Battenberg existiu uma corrente mais de receio do que de antipathia, menos de repugnancia sincera pela supposta invasão heretica do que de temor pelo arejamento d'uma sociedade petreficada sob o predominio d'um condemnavel obscurantismo, cuja infiltração se fez durante seculos. Mas «elrei está verdadeiramente apaixonado» e, se a ventura o bafejar, aos adversarios da sua paixão e do seu casamento nada mais resta do que sumirem-se perante a luz radiosa e salutifera que promanará da abolição de perniciosas praxes e da implantação de novos costumes.

Affonso XIII em trajo de commandante de alabardeiros

Atrevi-me a perguntar ao antigo camarista da côrte bourbonica se Affonso XIII saberia e quereria adaptar-se as virtudes inglezas.

—Creia—retorquiu-me—que o filho de Maria Christina, archiduqueza de Austria, sem deixar de ser fundamentalmente hespanhol, requintadamente aristocrata e profundamente catholico, terá o talento de conjugar o seu cavalheiresco patriotismo, o seu amor das tradições e a sua fé inabalavel com os sentimentos democraticos trazidos da côrte de Inglaterra por sua futura mulher. Attraem-no a simplicidade de habitos e as generosas idéas de liberdade e progresso que são o apanagio da gloriosa gente d'além-Mancha...

—E o que me diz da saude de el-rei, tão contestada?

—Ouça: Affonso XIII é o miraculoso producto da mais sabia e da mais heroica das solicitudes maternas. Gerado por um pae tuberculoso, filho posthumo d'esse pae, pois que viu a luz seis mezes após a morte de Affonso XII, malogrado moço de pouco mais de trinta annos ao ser levado ao pantheon do Escurial,—todos predisseram que o herdeiro da corôa de Hespanha seguiria prestes o mesmo funebre caminho. Por mais minuciosas e encomiasticas que tenham sido as re-

Affonso XIII, em trajo civil, por occasião da visita a Lisboa

ferencias feitas de viva voz ou na imprensa, não sabe o que foram os extremos de amor incomparavel d'essa justamente venerada grande dama que durante tantos annos regeu os destinos do reino, atravez de difficuldades asperrimas e, ao parecer, quasi insuperaveis. O que é certo, positivamente certo, é que a creança, a quem se prognosticava uma existencia breve e que, na opinião geral não lograria vencer o peso d'um horrivel fardo hereditario, está hoje, se não com uma apparencia de saude para dar e vender, pelo menos tão robusta como as que nascem sob os mais lisongeiros e auspiciosos signos. Os methodos de educação physica, intellectual e moral que foram adoptados coroou-os um assombroso exito. E ainda bem que assim foi. Affonso XIII é d'uma extraordinaria viveza de espirito, servida por nervos de aço; possue uma intelligencia clara e forte, orientada por um criterio invejavel n'um rapaz de vinte annos; tem um coração bondoso e franco, sensivel á menor desgraça, amoravel como o prova o idyllio que faz, em certo modo, da sua proxima união com a princeza de Battenberg um casamento como qualquer outro. Ao *coup de foudre*, que o houve, sem duvida, seguiu-se esse interessante namoro que a reportagem, avida de novidades e bisbilhoteira muitas vezes—perdõe-me que lh'o diga!—até á inconveniencia, tem devassado nos mais simples e intimos pormenores... Da saude d'el-rei melhor do que eu lhe falam os proprios factos. O seu resistente organismo não accusa a menor fadiga, a despeito das viagens consecutivas e dos exercicios ininterruptos. Desde que começou o anno, que vae correndo, ainda não teve um momento de reposo. Para sua magestade, o reposo equivaleria á morte. Dorme pouco e não tem uma dôr de cabeça. Cultiva com phrenesi os *sports*. É um cavalleiro arrojado, um atirador admiravel, um automobilista insigne. No proprio dia da chegada dos reis de Portugal, sabe o que fez? Apezar de ter regressado aquella manhã de San Sebastian e Biarritz, por onde andára n'uma roda viva, e não obstante nem um minuto sequer haver descançado durante o dia, foi, depois da recepção dos regios hospedes, para a Casa de Campo, de automovel, com seu cunhado o infante D. Carlos.

A proposito, e emquanto o meu interlocutor accendia o seu *puro*, ousei balbuciar que por Madrid se fazem umas vagas referencias a mysteriosos amores de Affonso XIII, que teriam como theatro a Casa de Campo...

O grande de Hespanha tornou-se serio e olhou-me fixamente. Por um instante suppuz que se havia melindrado. Mas, sorrindo-se de subito, exclamou:

—O que se não diz de qualquer pessoa em evidencia! Qual é o principe a quem o vulgo não apresenta rendido aos galanteios d'uma actriz? É o caso de Affonso XIII que, embora na sua curta biographia não tenha um facto publico ou privado que mereça censura, não deixa, por isso, de ter detractores. El-rei nunca anda só. Quando não o acompanham os dignitarios de semana, vêl-o-ha com qualquer de seus cunhados, os infantes D. Fernando e D. Carlos, particularmente este ultimo a quem consagra uma affeição especial.

—Mas D. Carlos não era antipathico aos hespanhoes?

—Desconheciam-no. A antipathia de que por-

Affonso XIII, de capitão general

ventura foi alvo tinha apenas como origem o facto de sua alteza ser filho do conde de Caserta. Mas D. Carlos é um homem digno de todos os respeitos. Os hespanhoes veneram-no pelo grande amor que consagrava á pobre princeza das Asturias, de quem tão cedo enviuvou e a cuja memoria presta um fervoroso culto. General de cavallaria, é a sua brigada, são os seus soldados a sua preoccupação exclusiva. Nunca se metteu nos negocios politicos. Vive arredado d'elles. Bondoso e modesto, a todos se impõe pelas qualidades do seu espirito e do seu coração. A um official da comitiva d'el-rei D. Carlos ouvi comparal-o ao finado infante de Portugal D. Augusto de Bragança. Até pela nasalidade se approxima d'elle!

—Mas Affonso XIII é dotado, ao que me dizem, d'uma irreprimivel independencia de vontade?

—Assim o creio tambem, — volveu-me o gentilissimo fidalgo.—O que não implica, porém, que elle faça tudo o que uma imaginação de rapaz possa suggerir. Olhe, entre outras anecdotas que por ahi correm vou referir-lhe duas, cuja veracidade não posso confirmar, mas com que se pretende justificar uma falsa rebellião d'el-rei contra os salutares influxos maternaes.

Affonso XIII, de caçador

Affonso XIII, com o uniforme de passeio

Affonso XIII é hoje um constante fumador. Começou cedo, dizem, e escondia-se, como um collegial, para poder saborear a sua cigarrilha. Receando perigos para a saude do filho idolatrado, a rainha tratava de cohibir o abuso do fumo, quando o monarcha, impertigando-se, conscio da sua magestade, observou ao camarista que o admoestava em nome de sua augusta mãe: — «Entao : para que sou eu rei?» A outra anecdota, com ser mais typica, é menos verosimil. Contou-se que o soberano tinha no seu quarto e sobre a meza de cabeceira uma garrafa com qualquer bebida alcoolica. Soube-o D. Maria Christina, que ordenou a sua apprehensão. Dando pela falta, o rei indagou do paradeiro e, como soubesse quem fôra que lhe supprimira o *matabicho*, gritou: — «Pois tragam-me duas garrafas!» De resto, a mero titulo de curiosidade me faço ecco de semelhantes historietas. O que lhe posso affirmar é que Affonso XIII, nem mesmo quando faz espirito, deixa de manifestar o seu ardente hespanholismo. Ao justificar-se de quaesquer deficiencias que pudessem assacar-lhe quando se serve de idiomas estrangeiros, exclamou uma vez: — «Falo mal todas as linguas... como um bom hespanhol». N'outra occasião deu-se a inversa, mas ainda aqui a graciosa infantilidade foi revestida do bom humor. Em pleno banquete de gala, celebrado para festejar a visita d'um chefe de Estado estrangeiro, o monarcha, depois de haver lido gravemente o

seu brinde em francez, perguntou, sorrindo, aos que mais proximo lhe estavam: — «Li bem, não é verdade?» E, no mesmo passo que parece não se preoccupar com o lado serio do seu officio de reinar, Affonso XIII encara-o de frente, com a consciencia da sua responsabilidade e o interesse que devem despertar-lhe os negocios do Estado e a vida e progresso da nação. Foi apreciadissimo o gesto com que elle outro dia impoz ao ministro da fazenda que ficasse e o modo como para nada se importou da etiqueta, permittindo que se lhe apresentasse de jaquetão, em *toilette* de viagem... Todos sabem como se empenha pela reorganisação do exercito e como se desvanecea com as palavras de louvor que el-rei de Portugal lhe dirigiu depois do juramento de bandeiras. Ainda um facto que lhe tem grangeado innumeras sympathias é o da sua comparencia ás primeiras representações no Theatro Hespanhol, o seu amor pela litteratura nacional. A regia presença na estreia da ultima peça dos irmãos Quintero impediu, como sabe, uma ruidosa manifestação de desagrado aos conhecidos auctores dramaticos... Poderia frisar ainda o excellente effeito produzido pela adopção da *minuta* em vez do *menu*, isto é da proscripção da lingua franceza que, na lista dos regios manjares, cedeu o logar á castelhana...

—Voltando ao casamento d'el-rei: porque não foi preferida qualquer das princezas de Connaught?

—Eu lhe digo. Affirmou-se que o passeio das sobrinhas de Eduardo VII pela peninsula obedeceu ao proposito de as tornar conhecidas do meu soberano e... do herdeiro da corôa lusitana. Mas assegura-se tambem que Affonso XIII declarára com engraçada emphase a alguns intimos que nem elle nem o principe de Portugal haviam gostado de suas altezas britannicas para esposas... Quer dizer: a razão de Estado tambem necessita de conformar-se com as razões de coração e nos tempos de agora mais do que nunca, sobretudo quando se tem uma individualidade propria e definida como Affonso XIII.

—E como recebeu a piedade de sua magestade catholica a conversão da sua noiva?

—Sem escrupulo algum de que ella não fosse sincera. El-rei conhecia muito bem as pequeninas divergencias que existem entre a egreja a que

A rainha Maria Christina

Affonso XIII e Victoria de Battenberg

pertenceu Victoria de Battenberg e o que ensina e manda a egreja de Roma. Vencel-as nada foi para o amor com que é correspondido pela sua futura esposa. E convém saber-se: Affonso XIII é um espirito singularmente equilibrado em materia de religião. Se não tem respeitos humanos na pratica dos preceitos que ella estabelece, tambem não cultiva os exaggeros que a transformam em fanatismo e dão azo a males sociaes de que a Hespanha não está isenta, antes pelo contrario. Ah! não é certamente por seu gosto que uma nuvem de padres envergando habitos talares, cobrindo-se com o classico chapeu de D. Basilio e chupando charutos como trancas, passeia os seus ocios nas praças e avenidas madrilenas. Não tem, por certo, as suas sympathias esse clero pachiderme, suado, oleoso e boçal, em cuja fronte não chispa uma scentelha de vida espiritual e mystica... Contar-lhe-hei um caso para definir o que é el-rei como catholico despido de preconceitos. Cada visita official de sua magestade a uma cidade de provincia inicia-se por um solemne *Te-Deum*. Desejariam talvez os ecclesiasticos que lhes dedicasse o melhor do seu tempo. El-rei, porém, que sabe que para render graças a Deus não se precisa de muitas horas de ceremonias mais ou menos pomposas, clama invariavelmente: — «Abreviem! abreviem!»

«É minha convicção inabalavel que com o casamento do meu augusto soberano se vae operar uma revolução pacifica, de cujas transcendentes

consequencias aproveitarão as novas gerações. Não falo já da situação internacional que esse casamento póde vir crear á Hespanha, situação desafogada e fundamento d'uma prosperidade certa; limito-me a registar a influencia benefica dos sadios costumes britanicos, tão simples, tão bellos e tão proficuos, e que, sem alterarem a complexa e brilhante pragmatica da nossa côrte nem suffocarem as gloriosas tradições de que somos avaros, serão como que a transfusão de sangue novo no depauperado, viciado sangue de quem, no emtanto, possue latentes energias que hão de despertar para a lucta indefessa e uberrima...

Depois d'um segundo de meditativo silencio, o gentilhomem, cuja condescendencia me captivára tanto como me estava encantando a sua despretenciosa palestra, interrogou, por seu turno, solicito, no evidente intuito de mudar de thema:

—Já percorreu Madrid? Esteve nos nossos museus?

Respondi affirmativamente e, alludindo ao museu do Prado, manifestei, em descoloridas palavras, a minha admiração pelo maravilhoso thesouro que n'elle se encerra e que é o deslumbramento de quem uma vez visitou a capital de Hespanha. E como ahi, ao contemplar o soberbo retrato de Filippe IV, joven, na galeria de Velasquez, me ferira a sua flagrante semelhança com Affonso XIII, notei o facto por tantos titulos curioso e a impressão que provocára em meu espirito.

—Assim é—replicou.—Ambos filhos de archiduquezas de Austria, ambos com a caracteristica familiar do prognatismo, ambos com uma juventude assignalada por esperanças ridentes. Até na desdita de terem perdido alguns dos mais bellos florões da sua corôa se parecem! No que se não hão de parecer, estou certo d'isso, é na passividade a influencias nefastas e dissolventes como a do conde-duque d'Olivares...

Um clarim soou. Despedimo-nos. A rainha Maria Christina e a infanta Maria Thereza saiam para assistir á *Salve* na egreja do Bom Successo. Na praça d'Armeria formava a Escolta Real, imponente nos seus decorativos uniformes e na sua sagrada missão de custodiar e honrar continuamente as augustas personagens, prompta a preceder e a seguir os regios coches e a emprestar ao cortejo o esplendor que a magestade aqui não dispensa nos seus menores actos externos...

Madrid, março de 1906.

AVELINO DE ALMEIDA.

Retrato de Filippe IV, joven, por Velasquez, existente no museu do Prado

III

A ESTAÇÃO DE LISBOA — MAR

Na estação de Alcantara passava uma das linhas metropolitanas de maior frequencia. Era de carruagem suspensa e seguia ao longo do Tejo e dos caes até Cabo Ruivo, com estações muito proximas umas das outras.

As linhas americanas, os aeroplanos e os automoveis de praça completavam o serviço de circulação das grandes arterias constituidas pelo metropolitano.

De Alcantara até á estação central maritima de Lisboa não gastava o metropolitano mais de dois minutos.

Estava situada a estação central maritima no local agora occupado pelo arsenal de marinha e ali convergiam todas as linhas de passageiros que vinham ter a Lisboa.

Desde Santa Apolonia até Cascaes, a via ferrea do norte e leste não tinha solução de continuidade. Passava em pontes viaductos pela frente do Terreiro do Paço e ramificava-se pela doca da Alfandega e pela do Terreiro do Trigo.

Era á estação central denominada *Lisboa mar*, que convergiam as linhas metropolitanas.

No sitio onde outr'ora estiveram as carreiras dos navios encontrava-se a praça central distribuida em sectores, onde os passageiros aguardavam os comboios ou onde desciam d'aquelles destinados a Lisboa e ás linhas de navegação ultramarina.

Como não fôra possivel fazer uma praça sufficientemente espaçosa deante da estação e isso era indispensavel para o seu bom serviço, foi necessario fragmental-a em dois corpos separados por um amplo largo, onde estacionavam os automoveis de aluguer, onde convergiam as linhas americanas e por cima do qual passavam os comboios do metropolitano.

Um dos corpos do edificio era destinado aos passageiros, registo e bagagens, venda de bilhetes, informações e restaurante, ao passo que o outro se destinava exclusivamente aos serviços internos da estação.

A architectura d'estes dois corpos de edificio era singularmente original. Via-se que semelhante obra era devida a um povo aventureiramente audacioso, sempre ávido de coisas novas, sempre prompto a correr mundo para levar a civilisação a longes terras, gastando a vida, desprezando a riqueza ou sacrificando tudo a ella n'uma inconsequencia de quem entende que tudo lhe é devido. Ao mesmo tempo megalomano e pratico, assim o edificio se impunha pela riqueza dos materiaes que entravam na construcção, pela correcção das suas linhas architectonicas, que todas concorriam como que na edificação do relogio monumental que encimava o edificio, com quatro mostradores, cada um orientado para um dos pontos cardeaes.

Todo o edificio dizia que o relogio era a razão

de ser d'aquella obra, como que o coração e o cerebro ao mesmo tempo d'aquelle monumento.

A ornamentação polychromica da estação dava bem a entender com os seus azulejos e os crystaes dos hangares que era apenas vestibulo da cidade, por onde se tinha ingresso para lhe admirar as maravilhas ou de onde se partia para vêr novos caes, para luctar n'outras paragens pela conquista do pão de cada dia.

O serviço da estação de caminho de ferro obrigára a transformar os edificios pombalinos outr'ora occupados pelos ministerios das obras publicas, fazenda, guerra e marinha. Tinham-se adaptado ao novo ministerio do commercio, industria, correios e telegraphos.

O serviço dos correios não só se fazia em automoveis, nas linhas ferreas e nas do metropolitano, mas ainda usava de um aperfeiçoado systema pneumatico com distribuição em toda a area da cidade. De todos os postos pneumaticos se podia lançar a correspondencia, de maneira que chegava ao correio geral poucos minutos antes da expedição das malas para os seus respectivos destinos. As carruagens de ambulancia dos correios recebiam as malas da correspondencia por um systema de transportadores electricos que iam do correio geral até á estação *Lisboa-mar*.

E era singularmente interessante vêr as malas percorrerem os fios dos transportadores, pararem sobre os vagons das ambulancias, todos pintados de azul claro e encimados por uma tremenha onde caiam as malas e por onde entravam para a ambulancia.

@

LISBOA BANCARIA

Deslocados para o resto da Praça do Commercio os ministerios d'antes situados do lado occidental, excepto o da guerra, que se tinha acommodado em parte do edificio do arsenal do exercito, tambem a baixa pombalina se transformou.

Todos os estabelecimentos bancarios se haviam distribuido nos tres primeiros quarteirões da rua do Ouro, rivalisando em sumptuosidade architectonica. Os marinares de variegadas côres, as janellas envidraçadas, os doirados dos gradeamentos de ferro, tudo dava a nota de que ali se tratava tudo quanto dizia respeito ao manejo e á conquista do oiro, que obriga a tanta baixeza, que provoca tanta heroicidade, sempre adorado quer na forma de bezerro, quer na de moeda, especie de hostia consagrada a um deus que veiu ao mundo para perder o genero humano, mas tambem para o fazer progredir.

Além do vetusto Banco de Portugal, dos bancos de Lisboa & Açores, do Commercial e de outros, via-se a Caixa Geral Agricola com o seu frizo de azulejos representando fructos estylisados, as suas janellas recordando aberturas de celeiros alemtejanos, tudo n'uma architectura solida como a propriedade fundiaria, mas recordando o bucolismo de uma ecloga virgiliana e ao mesmo tempo a transformação soffrida pela agricultura graças á chimica, á mechanica e á meteorologia. Nos cheios das paredes, medalhões representando Liebig, Chaptal, Pasteur, Ferreira Lapa, Matheus Dombasle e altos relevos alludindo aos trabalhos proeminentes d'estes illustres sabios concorriam para dar idéa dos intuitos d'este estabelecimento, justificando um grupo de marmore representando Ceres e a Sciencia moderna estreitamente abraçadas e circuitadas de instrumentos de laboratorios, de retortas, de ceifeiras mechanicas, de animaes de lavoura e de medas enormes.

Poucos passos adeante da Caixa Geral Agricola, banco rural com succursaes em todo o paiz, estava o *Credito Industrial*, cuja fachada toda de aço e crystal dava bem a medida dos fins d'aquelle estabelecimento. N'uma linda ornamentação de faiança estylisara o architecto a historia da mechanica desde o singelo plano inclinado com que se construiram as pyramides do Egypto até ás mais recentes machinas magneto-electricas, que arrebatavam a electricidade das altas camadas atmosphericas para a obrigarem a desempenhar até misteres caseiros bem modestos.

Parecia que as linhas todas d'estes edificios concorriam para formar como que o embasamento de uma estatua collossal que o encimava, representando a Sciencia Moderna, por um genio alado, com o pé direito levemente apoiado sobre uma roda de cujos cubos saiam jactos de vapor. Na mão esquerda um pouco levantada acima da cabeça empunhava uma lampada electrica e a direita segurava uma pilha, cujos reophoros rodeando-lhe o busto em graciosas curvas se ramificavam, já para a lampada, já para machinas diversas espalhadas em volta da roda sobre que poisava o pé. Eram teares mechanicos, eram turbinas de vapor, eram locomotivas, eram perfuradores, n'uma palavra eram os mil engenhos por meio dos quaes o homem multiplica as suas forças.

Em frente d'estes edificios, do lado opposto da rua, encontrava-se a *Cooperativa Geral Edificadora*, poderosa sociedade a quem se deviam as mais importantes construcções da moderna Lisboa. Era ao mesmo tempo uma empreza de engenharia e architectura e um estabelecimento bancario. Estavam-lhe associados os mais importantes constructores do paiz e os maiores capitalistas.

Todos os constructores que tomavam conta de uma empreitada entregavam o contracto áquelle estabelecimento, que se encarregava de adeantar dinheiro para os pagamentos das ferias, de fornecer os materiaes que o empreiteiro requisitava e de cobrar as importancias das situações das obras medidas e approvadas, tudo mediante diminutas percentagens.

Comtudo, aquella empreza prosperára enormemente e nenhum constructor deixava de recorrer a ella, porque todos os materiaes por ella fornecidos eram garantidos por analyses e ensaios, que se effectuavam nos laboratorios do proprio estabelecimento.

N'este edificio não predominava o metal como no *Credito Industrial*, nem a pedra como na *Caixa Geral Agricola*. Todos os materiaes de construcção concorriam para dar um conjuncto harmonico a uma obra em que era preciso mostrar que de todos se sabia lançar mão.

O que mais avultava na fachada d'esta edificação era uma larga janella occupando a altura de tres andares, encimada por um arco Tudor e vedada toda por uma vidraça de vidros diversamente coloridos.

Não era uma estatua allegorica ou um busto que encimava este edificio, mas um frontão em cujo tympano estavam representadas todas as artes constructivas cooperando n'uma construcção.

Todo o edificio dizia que o relogio era a razão de ser d'aquella obra, como que o coração e o cerebro ao mesmo tempo ; d'aquelle monumento

Era a Geometria traçando um plano, o Calculo justificando-o, a Mechanica applicada pondo-o em execução, com auxilio da pintura, da architectura, da esculptura, das artes mechanicas, das sciencias physicas e chimicas e pairando sobre a labuta representada por todo este trabalho, a Abundancia derramando a flux tudo a riqueza e o bem estar.

Adeante d'este edificio estava a séde da *Companhia de Seguros Agricolas*, com a fachada toda de azulejo em grandes quadros, representando a devastação das searas pela inundação e pelo incendio, a destruição dos rebanhos, das manadas e das varas de animaes pela epizootia e ao lado d'estes paineis tetricos e dominando-os todos a Previdencia domando as cheias, apagando os incendios, protegendo os campos, as casas, as arribanas, os moinhos.

Entre a rua do Ouro e a rua Augusta desde o Terreiro do Paço até á rua dos Capellistas, ficavam a Bolsa, o Tribunal do Commercio, a Junta de Credito Publico, o Tribunal de Contas, a Camara de Compensação, a Associação Commercial, a Associação Industrial. O mercado central desdobrara-se nos Armazens Geraes do Porto de Lisboa para a venda dos productos e na Bolsa dos Productos Agricolas para a sua cotação. Tambem esta ultima estava installada junto da Camara de Compensação.

Não se tirara ao edificio a estylisação pombalina que lhe dera o reedificador de Lisboa, mas transformára-se inteiramente a sua disposição interna, ornamentando-se apropriadamente ao destino de cada installação. Em roda do salão do Tribunal do Commercio achavam-se os cartorios dos escrivães, o gabinete do juiz, os dos curadores fiscaes, o dos jurados, a sala dos advogados e as salas para as reuniões de credores, todas de severo aspecto.

O salão do tribunal largamente illuminado por uma cupula envidraçada era de forma hexagonal e em cada um dos angulos se erguia a estatua de um jurisconsulto notavel no fôro commercial: José Ferreira Borges, Alves de Sá, Pinto Coelho e outros.

Sobre o docel que encimava a cathedra do juiz, a estatua da Equidade. A mobilia d'este salão era rigidamente severa, toda de pau preto. Infundia pavor pelas suas linhas hirtas e pela sua forma quasi que aggressiva. Quasi que lembrava ainda as tres voltas á forca que a *ordenação* prescrevia para o fallido, antes mesmo de se classificar a fallencia.

A Bolsa, com um grande salão oblongo, tinha ao centro uma tribuna com dez logares para os corretores e adjacente a cada uma d'essas tribunas, mas inferiores a ellas, as secretarias onde os agentes dos corretores recebiam as ordens para as compras e vendas de papeis de credito.

Eram circumdadas estas tribunas e secretarias por uma grade preciosamente trabalhada, representando a Fortuna sobre a roda tradicional e correndo atraz d'ella representantes de todos os povos do mundo com os seus vestuarios caracteristicos, n'uma promiscuidade de cabayas chinezas, sobrecasacas europeias, chapeus altos de americanos como que atarrachados á cabeça, longas tunicas persas, brancos albornós marroquinos, kimonos japonezes, fez tunicinios:—tudo se vistoriava no desenho d'aquella grade que era como que a symphonia da conquista do velocinio de oiro.

Quando entramos, estava a bolsa funccionando. No quadro que encimava a tribuna dos corretores, estava a tabella das cotações do dia anterior. Os pregoeiros gritavam as cotações e os nomes dos titulos, os banqueiros e os bolsistas tomavam notas febrilmente em cadernetas Tudo se fazia em altos gritos, aos encontrões em volta da grade. De tempos a tempos, um jogador entrava n'uma cabina telephonica, dava uma ordem breve e voltava correndo para transmittir uma ordem antes de fechar a cotação. N'isto davam as quatro horas da tarde.

Os corretores recolhiam á pressa os verbetes contendo as ordens recebidas, os telegrammas que lhes tinham sido expedidos e recolhiam-se á sala das conferencias, onde estabeleciam as cotações.

Passava uma hora angustiosa para muitos, para quasi todos. Uns minutos antes das cinco horas, o quadro das cotações que se arreara ao fechar da praça voltava envolvido n'uma capa de sarja verde, trazido pelo pregoeiro e circumdado por todos os corretores. Era de novo collocado no seu logar sobre a tribuna. A bolsa ha pouco tão animada semelhava agora um sepulchro. Todos os olhares convergiam para aquelle quadro debaixo de cuja capa estava a ruina de muitos, a fortuna de alguns. Os telegraphistas, cujas mesas para transmissão dos despachos se achavam dispostas ao longo da sala, olhavam para o quadro, com a mão sobre o commutador, tendo já dado o signal de chamada.

As portas de todos os camarotes telephonicos permaneciam abertas e dentro de elles homens de olhar parado pareciam hypnoptisados pela contemplação da sarja verde do quadro.

Junto das portas pneumaticas do correio accumulavam-se alguns outros de lapis na mão, prestes a escrever no cartão verde-mar do serviço pneumatico os valores insertos no quadro, em frente dos dizeres impressos dos papeis admittidos á cotação.

A's 5 horas em ponto estava o quadro collocado no seu logar. O corretor, que de tres em tres mezes os collegas elegiam presidente da camara dos corretores, sem poder haver reconducção no cargo, aguardava com a mão n'um botão que désse a ultima badalada das cinco horas para comprimir o apparelho electrico que havia de fazer cair a capa do quadro.

N'um relance, desvendava-se o quadro. Ouviam-se algumas exclamações alegres, uns gritos de raiva prestes abafados. As cabinas telephonicas fecharam-se rapidamente e o ruido secco dos manipuladores telegraphicos destacava-se entre as juras abafadas dos bolsistas, que se retiravam lentamente como devotos que tinham vindo sacrificar perante aquelle deus que na canção de Mephistopheles ainda nenhuma outra crença logrou derrubar.

MELLO DE MATTOS.

Busto de bronze do dr. Serrano, executado por Costa Motta para a Escola Medica por subscripção dos alumnos

Busto de marmore do dr. Augusto Rocha, executado por Costa Motta, que vae ser inaugurado na Universidade de Coimbra por subscripção dos lentes

O celebre barytono Kaschmann, interprete do protagonista da Oratoria de Perosi «Mosé» e da parte de «Sallewius» da cantata, sacra de Luigi Mancinelli «Sancta Agnes»

O notavel «mezzo-soprano» sr.ª Guerrini, interprete da parte de «Sephora» da Oratoria «Mosé» e da protagonista da cantata «Sancta Agnes»

CASA MEMORIA

FORNECEDOR DA CASA REAL
(FUNDADA EM [illegible])

SANTOS BEIRÃO

5, Largo da Rua do Principe, 7

LISBOA

A MEMORIA

É A MELHOR MACHINA DE COSTURA

A's senhoras

Chapeus o que ha de mais chic e elegante.—Preços tentadores. — Ninguem vende mais barato. — Grande collecção de veos, ganchos, aigrettes, cascos, etc., etc.

CASA SEGURADO

5, Rua do Carmo, 7

Viuva THIAGO DA SILVA & C.ª

Estabelecimento de ferragens nacionaes e estrangeiras – 94, Praça de D. Pedro, 95. = Officinas de serralheiro, dourador, metaes e nickelagem. Rua de Santo Antão, 2-A.

D. Juan Alvarez y Gonçalves

Vende-se em todas as tabacarias bem sortidas de Lisboa, Porto e Coimbra

MOBILIAS

Moveis de phantasia, cortinas, oleados, tapetes e moveis estofados.

Pedir catalogo illustrado **Castanheiro Freire & C.ª (Irmão)**

Sobrinhos dos antigos proprietarios da casa Silva & Irmão

RUA DE S. VICENTE Á GUIA, 39 41 E 43

NOVO DIAMANTE AMERICANO

RUA DE SANTA JUSTA, 96 (JUNTO AO ELEVADOR)

Abriu ha dias esta casa com um lindissimo sortimento de joias em ouro e prata com imitações de brilhantes e perolas, as mais perfeitas ate hoje conhecidas, que brilham sem auxilio de luz artificial. Devido a superior qualidade das pedras, teem-se realisado importantes transacções. Os preços são baratissimos, havendo objectos **desde 500 réis**, taes como anneis, alfinetes, etc.